



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

OUTUBRO DE 2024

CCDR
INORTE

 INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte

Projeto realizado sob supervisão do Instituto Nacional de Estatística

Resumo

Dando continuidade ao clima outonal que se fez sentir a partir do final de setembro, o mês de outubro ficou marcado pelas descidas de temperatura - que aproximaram a região Norte dos valores normais para esta época do ano - e por aumentos de precipitação, muito para além do que seria expectável.

A passagem da tempestade “Kirk” pelo território nacional deixou um rasto de destruição a que a agricultura da região não ficou alheia.

Os ventos fortes e a chuva intensa foram responsáveis por danos avultados em algumas culturas, nomeadamente a maçã e a castanha, não só ao nível da fruta, mas também dos próprios pomares e soutos. Se por um lado houve perdas significativas em maçã pronta para ser colhida e em castanhas cujos ouriços ainda estavam verdes, por outro registou-se a queda de alguns pomares de macieiras e de muitos castanheiros (inteiros ou ramos de grande dimensão).

Em outubro concluíram-se as vindimas, a apanha da maçã e da amêndoa, iniciou-se a apanha da castanha e da noz e deu-se continuidade à apanha do kiwi no Entre Douro e Minho.

Os bosques e campos de cultivo encheram-se de cogumelos, que estes anos serão um bom contributo para a economia das populações que exploram esta atividade.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.2	Trás-os-Montes	10
2	<i>Fitossanidade</i>	17
2.1	Entre Douro e Minho	17
2.2	Trás-os-Montes	20
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	20
3.1	Trás-os-Montes	20
4	<i>Milho de Sequeiro e Regadio</i>	22
4.1	Entre Douro e Minho	22
4.2	Trás-os-Montes	24
5	<i>Leguminosas secas – Feijão</i>	25
5.1	Entre Douro e Minho	25
6	<i>Culturas hortícolas</i>	25
6.1	Trás os Montes	25
7	<i>Fruticultura</i>	26
7.1	Entre Douro e Minho	26
7.2	Trás-os-Montes	29
8	<i>Vinha</i>	41
8.1	Entre Douro e Minho	41
8.2	Trás-os-Montes	42
9	<i>Olival</i>	44
9.1	Entre Douro e Minho	44
9.2	Trás-os-Montes	46
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	50
10.1	Entre Douro e Minho	50
10.2	Trás-os-Montes	52
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	56

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho

Na primeira quinzena deste mês ocorreu a tempestade “Kirk” – de grande intensidade, pouco vulgar, com queda de chuva e vento muito forte (com rajadas que ultrapassaram os 100 km/h) e que resultou em inundações, aluimento de terras e caminhos, queda de muros, estruturas, árvores e culturas destruídas (milho forrageiro, milho grão, fruteira, oliveiras e outras culturas).

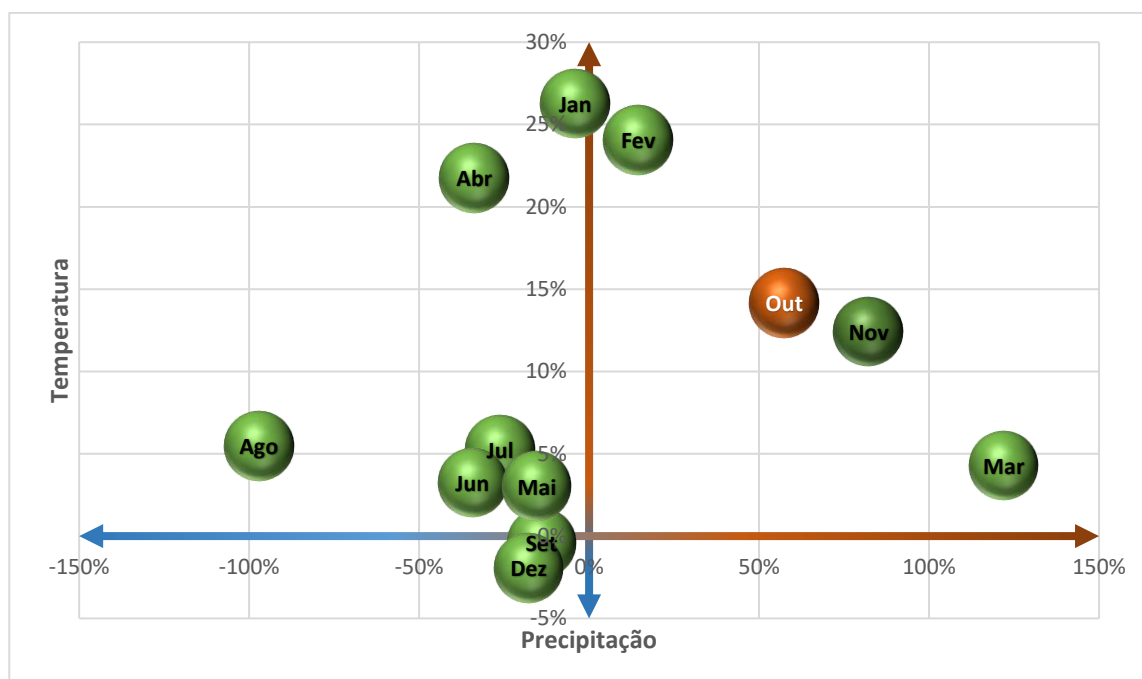


Figura 1. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

O efeito do temporal nos dias 6 e 7, acamou muito milho (grão e silagem) que ainda estava no campo, por falta de oportunidade de colheita devido ao longo período de chuva. Parte desse milho não tinha completado o seu ciclo de desenvolvimento.

Mesmo assim, e com o intuito de tentar minimizar as perdas, diversos agricultores procuraram (e conseguiram) ensilar o milho devastado pela tempestade “Kirk”.

Na última semana do mês o estado do tempo permitiu a conclusão da colheita do milho forrageiro. Decorrem as colheitas de milho grão.



Figura 2. Área de milho grão de regadio, onde vai ser impossível realizar a habitual colheita mecânica, Ganfei – Valença (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves



Figura 3. Campos encharcados devido à tempestade “Kirk”, Carreço (zona de observação do Lima)
Foto por: Sandra Coelho



Figura 4. Terrenos alagados e milho devastado, devido à tempestade “Kirk”, 08.10.2024, Vila Verde (zona de observação do Cávado)
Foto por: Maria Laura



Figura 5. Estragos provocados pelos temporais em campo de milho forrageiro, Arouca (zona de observação do Entre Douro e Vouga)
Foto por: Isabel Correia



Figura 6. Aproveitamento manual do milho, que a máquina de ensilar não conseguiu colher, Covas – Vila Nova de Cerveira (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves

A chuva e o vento forte provocaram a queda da azeitona (ainda verde), das nozes e dos ouriços (ainda verdes), assim como das fruteiras (ver figuras 7 a 9).



Figuras 7, 8 e 9. Maçã regional “Porta da Loja” afetada pela tempestade “Kirk”, Braga (zona de observação do Cávado)
Fotos por: Maria Laura

Os dias têm decorrido com sol encoberto - baixa insolação - e temperaturas mínimas relativamente elevadas para esta época, que contribuem e justificam algum atraso na maturação dos kiwis.

Têm beneficiado destas condições as culturas forrageiras já semeadas, os prados e as pastagens.

Na maioria das explorações, as sementeiras das ferrãs estão atrasadas, devido ao estado de tempo que se fez sentir durante este mês.

Por vezes a entrada das máquinas nos campos é difícil, porque se enterram na lama (figura 10).

As culturas forrageiras de Outono-inverno tiveram boa emergência e desenvolvimento, graças às temperaturas e humidade muito favoráveis (figura 11).



Figuras 10 e 11. Terrenos encharcados em Vila Verde (esq.) e ferrãs semeadas em Barcelos (dir.), (zona de observação do Cávado)

Fotos por: Maria Laura

Nos lagares de vinho, a laboração decorreu sem problemas e os vinhos encontram-se a estagiar.

As linhas de água têm caudais abundantes, como se já fosse inverno (ver figura 12).



Figura 12. Caudal de ribeira e encharcamento do solo, Santa Maria da Feira (zona de observação do Entre Douro e Vouga)

Foto por: Isabel Correia

1.2 *Trás-os-Montes*

O mês de outubro em Trás-os-Montes começou bem, com o tempo a permitir a conclusão das vindimas e continuação da colheita das pomóideas. Mas como “não há bem que sempre dure”, a partir de dia 06 tudo se alterou.

A semana seguinte ficou marcada pela passagem em território nacional (e em particular na Região Norte) da tempestade tropical “Kirk” no dia 09 de outubro, que trouxe consigo muita chuva e ventos intensos, responsáveis por danos de grande dimensão na agricultura transmontana. O IPMA emitiu um aviso laranja para Bragança, com indicação de ventos fortes, com intensidade que poderá ter chegado aos 120km/h. A chuva perdurou até à terceira semana de outubro, a partir da qual o sol regressou, ainda que acompanhado de descidas de temperatura, nomeadamente durante a noite.

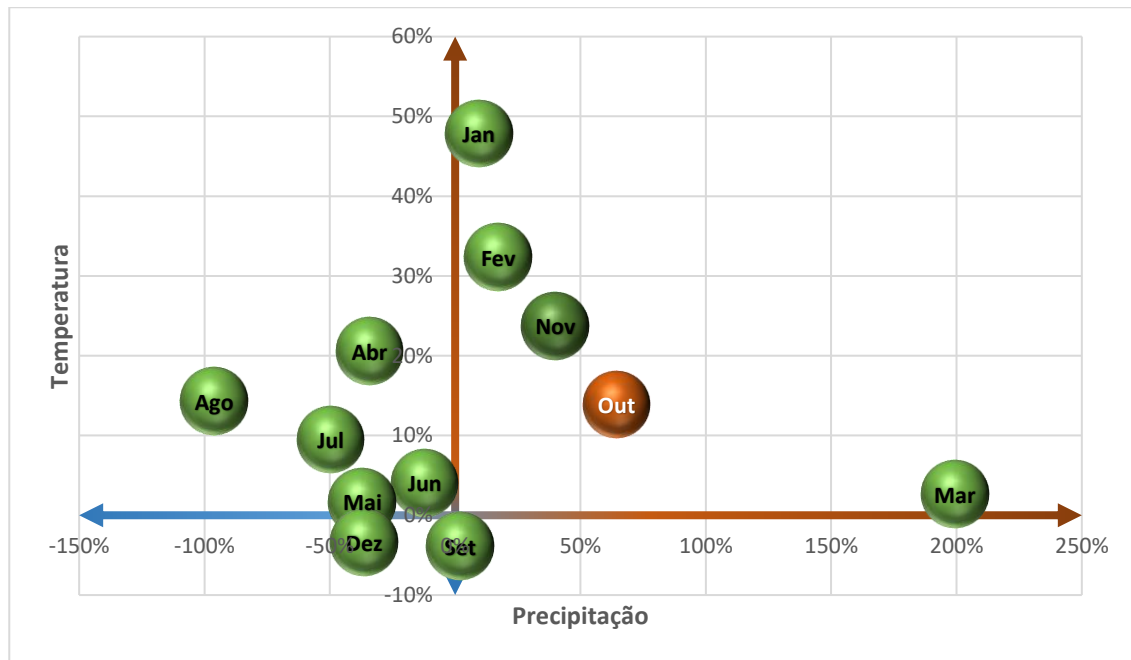


Figura 13. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

Os maiores estragos fizeram-se sentir nas pomóideas dos concelhos de Armamar, Carrazeda de Ansiães, Moimenta da Beira e Tarouca e nos soutos das DOP da Padrela, Soutos da Lapa e Terra Fria.

Registou-se a queda de muita maçã (cerca de 30-50% daquela que ainda não tinha sido colhida), de muitos ouriços imaturos e de um sem número de árvores - nas pomóideas foram arrancados pela base pomares inteiros e nos soutos caíram alguns castanheiros ou partiram ramos de grande dimensão (figuras 14 a 17).



Figura 14. Aspeto de castanheiro com ramo partido junto à base do tronco, Espinhosela - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 15. Aspeto de castanheiro todo partido, Espinhosela - Bragança

Estes estragos foram mais acentuados em castanheiros que já tinham outras doenças associadas (figura 17), árvores mais débeis e com copas não uniformes. Observam-se castanheiros partidos na base dos troncos, castanheiros com ramos quebrados nas pontas e castanheiros com ramos partidos na inserção do tronco. Também se observam muitos ouriços no chão, especialmente nos terrenos localizados em encostas, em cotas mais elevadas um pouco distribuídos por toda a área de observação. Os ouriços que caíram e que estão nos ramos partidos ainda se encontravam em fase terminal de maturação, especialmente nas variedades Longal e Judia (figura 18), o que vai ter algum impacto na produtividade.



Figura 16. Castanheiro partido na base, Rebordainhos – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 17. Ramo partido, Santa Comba de Rossas – Bragança



Figura 18. Aspeto do ouriço “verde”, Rebordainhos – Bragança

Em todos os casos ficaram comprometidas não só as produções desta campanha, mas também das seguintes, na medida em que a reposição do potencial produtivo é um processo moroso e bastante dispendioso.



Figura 19. Aspeto de um souto após passagem da tempestade “Kirk”, com a castanha da variedade “Aveleira” toda no chão, 11.10.2024, Donai – Bragança
Foto por: Anabela Coimbra

Verifica-se em campo algum escorrimento e erosão de solo, especialmente nos solos que estavam desprovidos de vegetação para serem semeados com os cereais de outono/inverno ou que estavam semeados com nabo forrageiro ou ferrã (fotografia 20).

Observaram-se também coberturas de plástico arrancadas ou rasgadas, que estavam a ser usadas para tapar as pilhas de rolos de palha ou de feno (fotografia 21).

Após a passagem desta tempestade, os dias foram alternados entre dias soalheiros com temperaturas agradáveis e dias mais amenos com ventos fortes e ocorrência de períodos de chuva intensa, o que mais se assemelha a um clima tropical.



Figura 20. Aspeto de um solo semeado com nabo, após a tempestade “Kirk”, com erosão evidente, Vila Verde – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 21. Cobertura em plástico, nos fardos de palha, arrancada após ventos fortes, Lagomar – Bragança

A ocorrência de chuva de forma intensa e com alguma persistência dificulta a operacionalização das máquinas de apanha da noz e da castanha. Neste momento há testemunhos de vários produtores, que afirmam, “as campanhas estão atrasadas e a sementeira dos cereais de outono/inverno também está atrasada”. Os solos que já tinham sido mobilizados para os cereais, estão neste momento a ficar com muita vegetação herbácea espontânea.

Também se verificou a queda de alguma azeitona, que nesta fase já apresenta um bom desenvolvimento e calibre bastante interessante.

O balanço das vindimas deste ano é francamente positivo, com a maioria dos operadores económicos a apontar para uma elevada qualidade dos vinhos produzidos.

No final de outubro começou a apanha da castanha, que se prevê ser de excelente qualidade, assim como a imensa variedade de cogumelos selvagens com que o tempo húmido nos tem vindo a presentear.

Foi dada continuidade às diversas sementeiras de cereais e culturas forrageiras de inverno.

No final de outubro a Evapotranspiração de Referência (ETo)¹ em Trás-os-Montes atingiu valores particularmente reduzidos, fixando-se em 1-1,5 mm/dia.

A percentagem de água no solo tem vindo a subir, em particular nos concelhos mais a Este (Miranda do Douro, Mogadouro, Vinhais, Macedo de Cavaleiros e Torre de Moncorvo), tendo atingido em alguns locais os 80%.

Os acentuados períodos de precipitação contribuíram também para a reposição da água nos lençóis freáticos, nas linhas de água, em charcas e poços. A seca não é, portanto, um problema nesta fase, com as barragens e os reservatórios a registar níveis superiores aos de outubro de 2023.



Figura 22. Charca particular, Castelo Branco – Mogadouro
Apesar de localizado num ponto alto, está a 90% da capacidade

Figura 23. Barragem de Penas Roias (para abastecimento doméstico), Mogadouro
Abastece com caudal de ribeira, mas reflete os recursos hídricos atuais – estão a 80-90%

Fotos por: Miguel Martins



¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

Os valores elevados de precipitação permitiram que o Nível de Pleno Armazenamento (NPA) dos aproveitamentos agrícolas para rega se mantivesse relativamente estável face ao mês anterior, chegando mesmo a barragem de Prada (Vinhais) a atingir a sua cota máxima, com 100% do NPA, nível superior a igual período do ano anterior (figuras 24 e 25).



Figura 24. Barragem de Prada em 23.10.2023, Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 25. Barragem de Prada em 21.10.2024, Vinhais

Na barragem de Gostei (Bragança) a quantidade de água armazenada é ligeiramente superior, quando comparada com igual período do ano anterior de 50.36% para 56.20% atualmente (figuras 26 e 27).



Figura 26. Barragem de Gostei em 24.10.2023, Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 27. Barragem de Gostei em 21.10.2024, Bragança

Os níveis mais baixos mantêm-se em Chaves (Arcossó), onde o NPA atingiu os 42,21%, em Alfândega da Fé (Burga e Camba, respetivamente) com 50,00% e 53,29% e em Armamar (Temilobos) com 54,14%.



Figuras 28 e 29. Barragem de Vale de Madeiro em out/2023 (em cima) e out/20243 (em baixo), Mirandela
Fotos por: Paulo Guedes



As principais culturas permanentes da Terra Fria, tais como o castanheiro e a noqueira, melhoraram o seu estado vegetativo desde que por toda a área de observação a precipitação se tornou uma presença. Os solos neste momento já dispõem de água em profundidade e já é possível observar encharcamento nos lameiros de aluvião.

2 Fitossanidade

2.1 *Entre Douro e Minho*

Nesta época iniciam-se os tratamentos de inverno à base de cobre, em culturas permanentes como as pomóideas ou os citrinos.

À semelhança de 2023, regista-se com muita gravidade a queda de fruta nos citrinos, nomeadamente nas laranjeiras, provocada pela proliferação da mosca do mediterrâneo (*Ceratitis Capitata*) que encontrou, mais uma vez, ótimas condições para se desenvolver um pouco por todo o Entre Douro e Minho, com particular incidência nas zonas de observação do Minho e do Tâmega e Sousa.



Figuras 30 e 31. Laranja picada pela mosca do mediterrâneo, Lovelhe – Vila Nova de Cerveira (zona de observação do Minho)
Fotos por: Aurora Alves

Na zona de observação do Ave continuam a verificar-se os ataques de alfinete (*Agriotes spp*) na cultura do milho e há uma preocupação dos agricultores que o milho silagem que foi afetado pela tempestade “Kirk” possa vir a desenvolver fungos que condicionem a produção animal durante o próximo ano agrícola. Esta situação poderá agravar os custos de produção, caso se confirme o desenvolvimento de fungos, devido à aplicação de antitoxinas.

Na zona de observação do Tâmega e Sousa observou-se uma baixa incidência das doenças criptogâmicas, nomeadamente podridões das uvas e da fruta e, por enquanto, poucos sintomas de “gafa” e “olho-de-pavão” na azeitona. Na figura 32 constata-se que, um pouco mais acima no Entre Douro e Minho (na zona de observação do Lima), já se fazem sentir os sintomas da gafa nos olivais, com as azeitonas a “murchar”.



Figura 32. Aspeto da azeitona, provavelmente afetada pela gafa (*Colletotrichum spp.*) (zona de observação do Minho)
Foto por: Sandra Coelho

Regista-se uma baixa pressão de incidência das pragas nas diversas culturas, nomeadamente no bichado na castanha, à exceção da mosca do mediterrâneo “*Ceratitis capitata*” com registo de elevado número de capturas.

Na zona de observação do Entre Douro e Vouga continuam a evoluir os estragos provocados na batata armazenada pela traça (*Phthorimaea opercuella*).

Realizaram-se os tratamentos contra a mosca da azeitona (*Bactrocera oleae*) e gafa, antes do período de precipitação.

Em 2023 os produtores de castanha queixaram-se do seu aspeto interior, com manchas castanhas. Trata-se de uma doença nova - a podridão da castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), citada na Circular de Avisos do EDM nº 16 do dia 21 de outubro de 2024.

Na figura 33 é possível ver em pormenor uma castanha afetada por essa podridão, que deprecia em absoluto toda a produção.



Figura 33. Podridão da castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*), Santa Maria da Feira
Foto por: Isabel Correia

A Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu a Circular nº 16 no dia 21 de outubro de 2024, onde são apresentadas recomendações de manutenção preventiva para a vinha. São ainda feitas recomendações de boas práticas no kiwi para antes, durante e depois da colheita do fruto, assim como medidas preventivas para o percevejo asiático (*Halyomorpha halys*).

Também para os citrinos são apresentadas recomendações preventivas para as principais doenças e pragas, assim como para os diospireiros, pomóideas e castanheiros. No caso dos castanheiros são feitas recomendações de boas práticas, que deverão ser realizadas durante e depois da colheita.

É feito o alerta para medidas preventivas e tratamentos curativos para o olival e medidas preventivas para as hortícolas, batateira e ornamentais.

Em anexo à Circular é apresentado um folheto de divulgação sobre o impacto da mosca do mediterrâneo (*Ceratitis capitata Wiedemann*) nas fruteiras.

2.2 Trás-os-Montes

Durante o mês de outubro as principais ocorrências registadas estão associadas aos estragos provocados pela tempestade “Kirk”, que obrigaram os produtores agrícolas a trabalhos extraordinários – podas, limpeza de caminhos e parcelas agrícolas, aplicação de caldas com base em cálcio, arranque dos pomares caídos, entre outros.

Registam-se algumas perdas no olival associadas à presença de gafa e de mosca da azeitona. Por este motivo, e face às condições climatéricas (elevada precipitação e temperaturas amenas), os produtores de oliveiras e amendoeiras foram aconselhados – através da Circular 04/2024, de 14 de outubro – a realizar tratamentos para a mosca da azeitona (*Dacus oleae*), a gafa da oliveira (*Colletotrichum acutatum*) e para diversas pragas e doenças que atacam o amendoal. Quando ocorrem condições como as deste ano durante a maturação das azeitonas, o desenvolvimento da gafa poderá ser exponencial, pelo que uma das estratégias a seguir poderá ser a antecipação da colheita dos frutos.

No caso dos castanheiros, no concelho de Valpaços, verificaram-se ataques de vespa-dagalha dos castanheiros (*Dryocosmus kuriphilus*), que impediram a formação de um grande número de ouriços. Grande parte dos ouriços formados foram afetados pelos ventos fortes, que os fizeram cair precocemente.

No caso da castanha e da noz – principais produtos da Terra Fria, as percentagens de defeito das amostras dão resultados baixos, tanto para o bichado como para a podridão, indicativo de produtos de boa qualidade.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

<https://portal.drapnorte.gov.pt/divulgacao/centro-de-documentacao/6-avisos-agricolas>

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Trás-os-Montes

A sementeira dos cereais de outono/inverno, iniciada em setembro, decorreu durante o mês de outubro, com especial incidência nas aveias, nos trigos e nos centeios.

A natureza está em constante mudança e os campos já ganham a tonalidade verde característica dos rebentos dos cereais praganosos. Em alguns terrenos mais planos foi visível a acumulação de água, enquanto que nos mais inclinados se nota a escorrência (que se espera não venha a ser prejudicial às culturas).



Figura 34. Sementeira de aveia, Brunhosinho - Mogadouro - Figura 35. Sementeira de aveia, Paçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Neste momento os produtores já se preparam para o novo ano agrícola no que diz respeito às culturas cerealíferas. As parcelas que estiveram de pousio no presente ano, serão as próximas a ser usadas para a campanha cerealífera que se segue e já foram alvo de uma primeira mobilização. Maioritariamente estas parcelas foram mobilizadas no final do mês de agosto e início de setembro, mas como as condições atmosféricas do presente mês não foram favoráveis à continuidade das operações culturais de sementeira, esta interrupção temporal nos granjeios do solo, favoreceu o crescimento da erva (figura 37), e neste momento os produtores fazem um compasso de espera, para que o solo drene o excesso de água, e posteriormente fazerem uma nova mobilização para destruir a erva e semear os cereais.

Conclui-se que neste momento as sementeiras estão a atrasar (figura 36), pois em igual período do ano anterior, já se verificava em campo parcelas com cereal já germinado.



Figura 36. Cereais de out/inv (aveia), Baçal - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 37. Solo com primeira mobilização para sementeira de cereais de out/inv, Vale de Lamas - Bragança

Os comerciantes locais declaram que a procura na aquisição, por parte dos produtores, de fertilizantes para as adubações de fundo é baixa. Quando comparado com o ano anterior é ainda em menor a quantidade de fertilizantes adquirida. Também declaram que a procura de sementes é pouco significativa.

O preço do grão está baixo. Os produtores pecuários são os que mais área semeiam para produzirem grão para alimentação animal e por isso a previsão será de uma área muito semelhante à do ano anterior, não se prevendo qualquer aumento de área.

4 Milho de Sequeiro e Regadio

4.1 *Entre Douro e Minho*

Notou-se um efeito positivo do corte da bandeira em milho grão de regadio, sendo notórios os estragos provocados pelo vento na parte onde não foi realizada essa operação (ver figuras 38 e 39).

Muitas searas ainda não concluíram o seu ciclo. O período de céu encoberto e chuva, logo com pouca luminosidade e muita água no solo, atrasaram o seu desenvolvimento.

Previa-se um bom ano de produção, mas os temporais deitaram o milho ao chão. As espigas que estão em contacto com o solo apodrecem, as que estão levantadas, a água acumulou-se na base do folhelho e o grão está a germinar.

Embora a debulhadora, com muito mais trabalho consiga colher, vai haver milho que fica no campo e muito vai ter de ser colhido manualmente.



Figuras 38 e 39. Parcelas contíguas de milho de regadio, sem bandeira (esq.) e com bandeira (dir), Arouca.
Fotos por: Isabel Correia

Alguns solos estão tão encharcados, que é impossível a entrada de máquinas para a colheita (figura 40). Em parcelas pequenas colheram-se as espigas manualmente e levaram-se para armazém para posterior debulha.



Figura 40. Campo de milho pronto a colher, com solo alagado, Santa Maria da Feira
Foto por: Isabel Correia

Retomaram-se as colheitas após a melhoria das condições atmosféricas.

Dadas as condições climáticas deste período, as condições de armazenamento e secagem não têm sido boas, pelo que os produtores de maior dimensão utilizam espigueiros e câmaras de secagem.

Há uma estimativa de diminuição da produção de milho de regadio (-11%), assim como no milho de sequeiro (-6%), por comparação com o verificado o ano passado.

4.2 Trás-os-Montes

Relativamente à cultura do milho, quer em regime de sequeiro ou em regadio, foi em média 15% mais produtivo na região da Terra Fria, assumindo os valores normais.

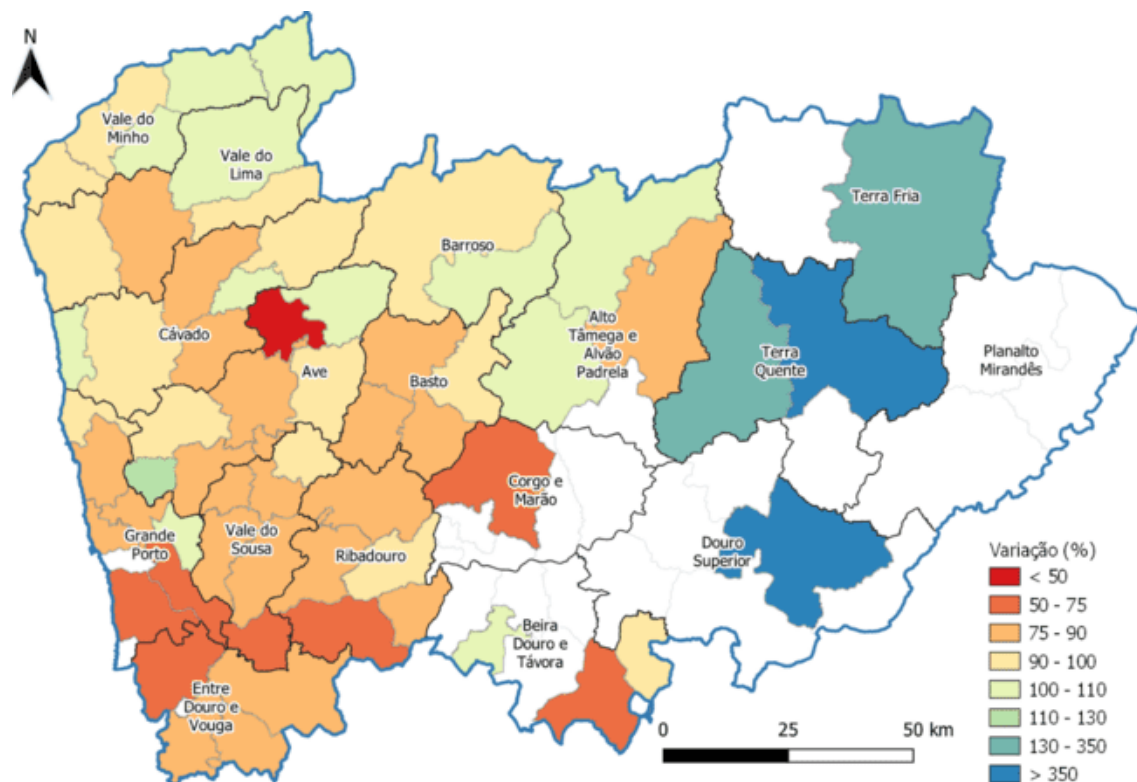


Figura 41. Variação (%) da *produção* do milho grão de regadio, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

5 Leguminosas secas – Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

A produção de feijão é feita, geralmente, a partir de sementes próprias e a maioria dessa produção destina-se ao autoconsumo. Devido ao facto das grandes superfícies terem à venda feijão a preços muito baixos, a produção própria tem vindo a ser desencorajada.

Quanto ao feijão, espera-se uma produção ligeiramente inferior à verificada o ano passado (-1%), apresentando boa qualidade devido às boas condições para a secagem, debulha e armazenamento dos produtos.

6 Culturas hortícolas

6.1 *Trás os Montes*

As hortas familiares de inverno, que foram instaladas no final do verão, estão em bom estado vegetativo. É frequente observar-se as típicas couves pencas e as rabas (figuras 42 e 43) muito utilizadas na gastronomia natalícia, que estão em excelente estado de desenvolvimento. No mesmo estado se encontra o nabo que pode ser usado para a alimentação animal como forrageiro, ou na alimentação humana e que é um legume de excelência, pelo aproveitamento da raiz, da folha e dos grelos.



Figura 42. Aspeto da couve penca, Grandais - Bragança
Figura 43. Aspeto das rabas, Lagomar - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

A cultura das abóboras já terminou o seu ciclo vegetativo, mas é possível observar em campo que os produtores ainda não procederam à sua recolha na totalidade. Tal como referido no último relatório, apresenta menores produtividades e produção total, comparando com a campanha anterior, consequência de um verão muito seco.

7 Fruticultura

7.1 *Entre Douro e Minho*

Pomóideas

Nesta campanha as condições climatológicas foram favoráveis estimando-se, contudo, uma diminuição da produção das macieiras (-6%), por comparação com o ano anterior e das pereiras uma diminuição ainda maior (-14%), face ao ano passado, resultante de uma baixa taxa de vingamento na floração. O vendaval de 09 de outubro provocou queda intensa dos frutos, com ligeira antecipação da colheita e perda de qualidade.

Prunóideas

Registou-se uma produção de pêsego muito inferior à do ano passado (-20%), assim como a produção de ameixa também foi bastante inferior à da última campanha.

Actinóideas (Kiwi)

Os pomares de kiwi estão na fase M-frutos em crescimento. A precipitação, acompanhada de temperaturas muito favoráveis, ajudou ao aumento do calibre do fruto.

A predominância de dias com baixa insolação, conjugada com temperaturas mínimas relativamente elevadas, traduz pequeno atraso na evolução do teor de açúcar dos frutos.



Figuras 44 e 45. Pomar de kiwi da variedade “Érica”, Ganfei – Valença. À esquerda vemos a fruta em maturação (outubro 2023) e à direita em outubro 2024. Consta-se a diferença na quantidade de fruta vindagada
Fotos por: Aurora Alves

A oscilação das temperaturas e o facto de só se terem atingido as horas de frio necessárias para estimular a rebentação no final do ciclo vegetativo, originaram uma floração irregular e muita flor abortou. Estima-se uma produção inferior (-18%) à campanha do ano passado.

Os frutos apresentam bons calibres, com forma mais arredondada que a característica da espécie. Não há relatos de queda significativa de frutos resultante do vendaval de 9 de outubro.

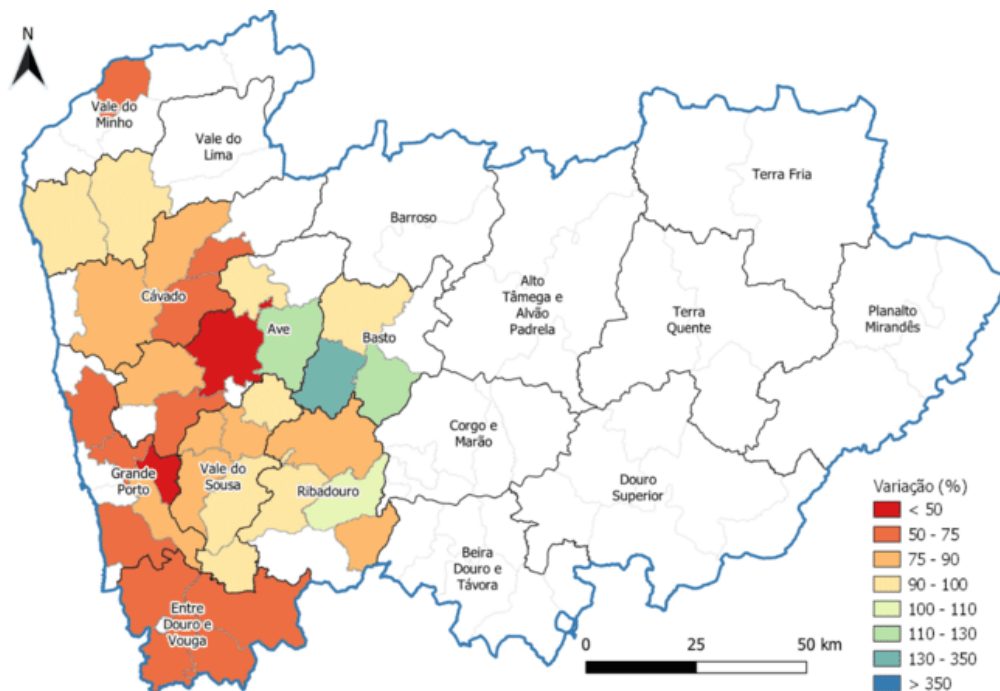


Figura 46. Variação (%) da produção de kiwi, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

Nogueiras

A carga inicial de fruto nas árvores indicava uma diminuição na produção, acentuada pela queda de muito fruto com a chuva e o vento forte da tempestade “Kirk”. Os frutos não criaram miolo (estão chochas ou podres) e sofreram ataque da mosca da casca verde (*Rhagoletis completa*). Com a humidade acabaram por apodrecer, o que resulta numa estimativa de diminuição da produção (-8%), por comparação com a campanha do ano anterior.

Castanheiros

Na zona de observação do Lima, os soutos existentes têm principalmente as variedades Marigoule, Bouche e Marsol (híbridas) e a tradicional Amarelal, enquanto que na zona de observação do Entre Douro e Vouga tem havido uma aposta neste fruto, com novas plantações de variedade Bouche-Bétizac e algumas tradicionais.

Tem-se constatado que os problemas fitossanitários, como o bichado-da-castanha (*Cydia splendana*) ou a podridão castanha (*Gnomoniopsis smithogilvyi*, têm estragado muita fruta.



Figuras 47 e 48. Vista de pomar de castanheiros, com pormenor de ouriço, 15.10.2024, Valadares – Baião
Foto por: Joaquim Moreira

A estimativa é de uma diminuição da produção (-9%), por comparação com o ano transato.

Uva de mesa

Estima-se uma diminuição da produção de uva de mesa (-10%), em relação ao ano anterior.

7.2 *Trás-os-Montes*

Pomóideas

Como já foi referido neste Boletim, o mês de outubro ficou marcado pela passagem da tempestade “Kirk”, com grandes implicações para a produção de maçã na região Norte, em particular no Douro Sul e em Carrazeda de Ansiães (ver figuras 49 a 58).



Figuras 49, 50 e 51. Queda acentuada de maçã, provocada pela tempestade “Kirk”, 14.10.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca



Aquela que aparentava ser uma boa campanha de maçã, e cuja colheita começou da melhor forma, foi interrompida por fenómenos de vento forte, que levaram à queda de boa parte da produção das variedades Bravo de Esmolfe, Golden Delicious e algumas “vermelhas” (constatado nas fotografias 49 a 51).

Boa parte da maçã destruída foi encaminhada para a indústria, com perdas de rendimento significativas para os produtores afetados.

A maçã colhida antes deste episódio apresenta excelente qualidade e poder de conservação. Aquela que foi colhida depois e que aparentemente não sofreu quaisquer danos, verá o seu poder de conservação diminuído, devendo ser comercializada o quanto antes.



Figuras 52, 53 e 54. Pomares destruídos pela tempestade “Kirk”, 14.10.2024, Santa Cruz – Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca





Figuras 55 a 58. Prejuízos causados pela tempestade “Kirk”, Carrazeda de Ansiães
Fotos por: Paulo Guedes

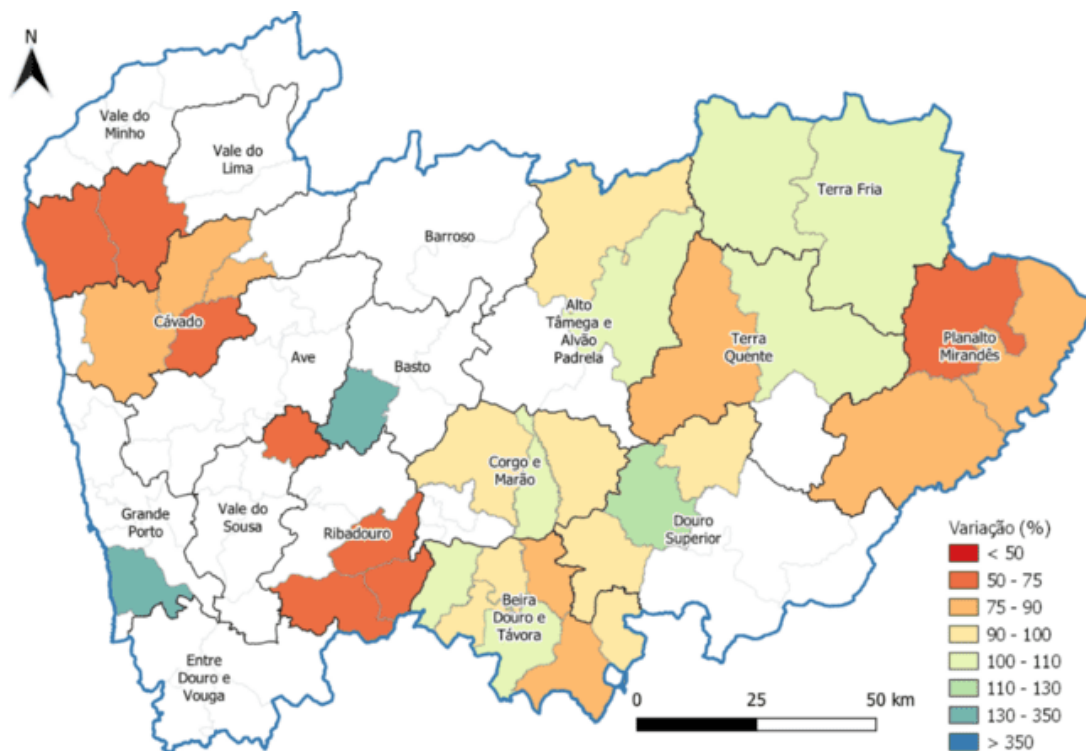


Figura 59. Variação (%) da *produção de maçã*, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

Amendoeiras, Avelãs, Nogueiras

A cultura da avelã por toda a Terra Fria já foi recolhida, tendo a campanha decorrido dentro da normalidade. Em geral, os pequenos produtores da zona de observação declararam que este ano os frutos são de qualidade e calibre inferior, as produtividades e a produção total são superiores quando comparado com o ano anterior e que cada vez mais os jovens pomares se tornam mais produtivos.



A campanha de recolha da noz começou a 12 de outubro na Terra Fria, atrasando-se cerca de 8 dias em relação ao ano anterior. O início da campanha foi coincidente com a passagem da tempestade “Kirk”, que provocou a queda dos frutos. O excesso de precipitação ocorrida durante o mês tem dificultado a apanha, que já foi interrompida por várias vezes. O excesso de água no solo e nas nogueiras dificulta a operacionalização das máquinas e dos trabalhadores. As nozes apresentam excesso de humidade, dificultando a secagem e a preparação do produto para o mercado.

Figura 60. Aspeto da noz antes da lavagem e secagem, variedade “Franquette”, Quintela - Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra



Figura 61. Aspeto da noz no secador, outubro 2023, Quintela - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 62. Aspeto da noz no secador, outubro 2024, Quintela - Vinhais



Figura 63. Aspeto do grão de noz, outubro 2024, Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

Segundo declarações dos produtores, os calibres são ligeiramente inferiores à campanha anterior e verificam-se assimetrias maiores (figuras 60 e 62). No entanto, a qualidade da noz, quer da “Franquette” quer da “Fernor” é boa. O grão está em excelente estado e a taxa de defeito neste fruto seco é muito baixa, até ao momento cerca de 2%. Estamos perante uma campanha próxima da normalidade para a zona de observação, com produtividade ligeiramente superior à campanha anterior.

Os grandes produtores de noz garantem que têm toda a produção vendida e que seria necessária mais produção para satisfazer a procura que existe na região.

Castanheiros

Se nos Boletins dos meses anteriores tudo indicava que seria uma boa campanha para os produtores de castanha, superior às duas últimas (em termos quantitativos e qualitativos), neste momento as previsões apontam para um bom ano em termos de qualidade, mas com algumas quebras de produção face ao esperado (que se estimava superior em relação ao ano anterior) – em resultado dos prejuízos causados pela tempestade “Kirk”.

Os soutos localizados nas DOP da Padrela e dos Soutos da Lapa (em particular nos concelhos de Valpaços e Sernancelhe) ficaram bastante danificados com os ventos intensos do dia 09 de outubro, que derrubaram árvores de grande porte, ramos carregados de castanha e levaram à queda dos ouriços imaturos, cujas castanhas não chegam a amadurecer. Nas fotografias 64 a 69 é perceptível a devastação causada pela intempérie nestes locais.



Figuras 64 a 67. Castanheiros danificados pela tempestade "Kirk", Valpaços (Padrela DOP)
Fotos por: Paulo Guedes





Figuras 68 e 69. Castanheiros danificados pela tempestade "Kirk", 14.10.2024, Sernancelhe (Soutos da Lapa DOP)
Fotos por: Suzana Fonseca

Por outro lado, e como se pode ver nas figuras 70 e 71, o fruto que se manteve nas árvores não manifesta danos ou sintomas de doenças, apresentando bons calibres e boa qualidade organolética. Registam-se casos de bichado (*Cydia splendana*), mas sem grande impacto na produção. Há produtores a relatar situações de ouriços que se desenvolveram "ocos", ou seja, sem castanhas no seu interior.



Figuras 70 e 71. Ouriços a abrir, com boa quantidade de castanha, 14.10.2024, Armamar
Fotos por: Suzana Fonseca

A colheita da castanha é, tradicionalmente, uma operação extremamente morosa e onerosa, pois envolve muita mão de obra – escassa nos concelhos mais desertificados. Por esse motivo, alguns produtores de maiores dimensões optaram por investir em máquinas de colheita, que reduzem os custos e o tempo investido nessa atividade (ver figuras 72 e 73).



Figuras 72 e 73. Equipamentos de colheita mecânica de castanha, 29.10.2024, Sernancelhe
Fotos por: Suzana Fonseca

Na região dos Soutos da Lapa a colheita da castanha foi antecipada face ao seu adiantado estado de maturação, enquanto que na Terra Fria, e de acordo com os produtores, a campanha da castanha está cerca de duas a três semanas atrasada em relação ao normal da cultura e da região. Alguns concelhos poderão registar uma produção mais baixa que em anos anteriores.

A castanha até à presente data, apresenta melhor qualidade em termos fitossanitários e os castanheiros estão em melhor estado vegetativo (ver figuras 75 a 78), quer em Bragança quer em Vinhais. O calibre da castanha é superior, quando comparado com igual período do ano anterior, aproximando-se do normal para essa área de observação.

Também nestes concelhos se fizeram sentir os efeitos da tempestade “Kirk”, com derrube de castanheiros dispersos pelos sotos, ramos partidos e ouriços verdes e castanha caídos no solo.

Alguns dos castanheiros partidos já estavam doentes e não tinham as copas simétricas. O impacto na produtividade pode assumir valores aproximados de 10% nas zonas onde os estragos foram mais significativos.



Figura 74. Souto adulto, pronto para a colheita, com os ouriços no chão, 29.10.2024, Sernancelhe
Foto por: Suzana Fonseca



Figura 75. Aspeto do souto em outubro 2023, Rebordainhos - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 76. Aspeto do souto em outubro 2024
MESMA PARCELA, MESMAS ÁRVORES



Figura 77. Aspeto dos ouriços, 10.10.2023, Vilar de Ossos - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 78. Aspeto dos ouriços, 21.10.2024
MESMA PARCELA, MESMO RAMO



Figura 79. Aspeto do souto em regime sequeiro, após a tempestade "Kirk", Donai- Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 80. Aspeto do solo após a tempestade "Kirk", variedade "Aveleira", Donai - Vinhais



Figura 81. Aspeto da castanha variedade "Aveleira", Donai - Vinhais

A zona de Rebordainhos, Sortes, Salsas e Moredo (concelho de Bragança), foi onde se verificou este tipo de estragos de forma mais significativa. A precipitação contínua ao longo do mês tem dificultado a apanha da castanha, que os ventos fortes fizeram cair sob o solo. As variedades mais precoces como a “Verdeal”, “Bária”, “Aveleira”, “Côta”, “Galega” e “Martáinha”, caíram em grande escala e são essas que neste momento estão a ser comercializadas. Os canais de comercialização estão a funcionar, as feiras e as festividades estão próximas e o consumo está a aumentar, estando a situação mais favorável que na campanha anterior.

Como referido no Boletim do mês anterior, quando se observa e compara as plantas que no ano anterior tiveram um forte ataque de Septoriose (figuras 75 a 78), verifica-se que as mesmas apresentam menos folhas e menos frutos e que o calibre dos ouriços é menor. Assim, não será descabido afirmar que as plantas que tiveram Septoriose no ano anterior este ano apresentam menos ouriços e menos folhas, e que esta doença teve e terá, também um impacto negativo na produção e na produtividade das plantas na presente campanha.

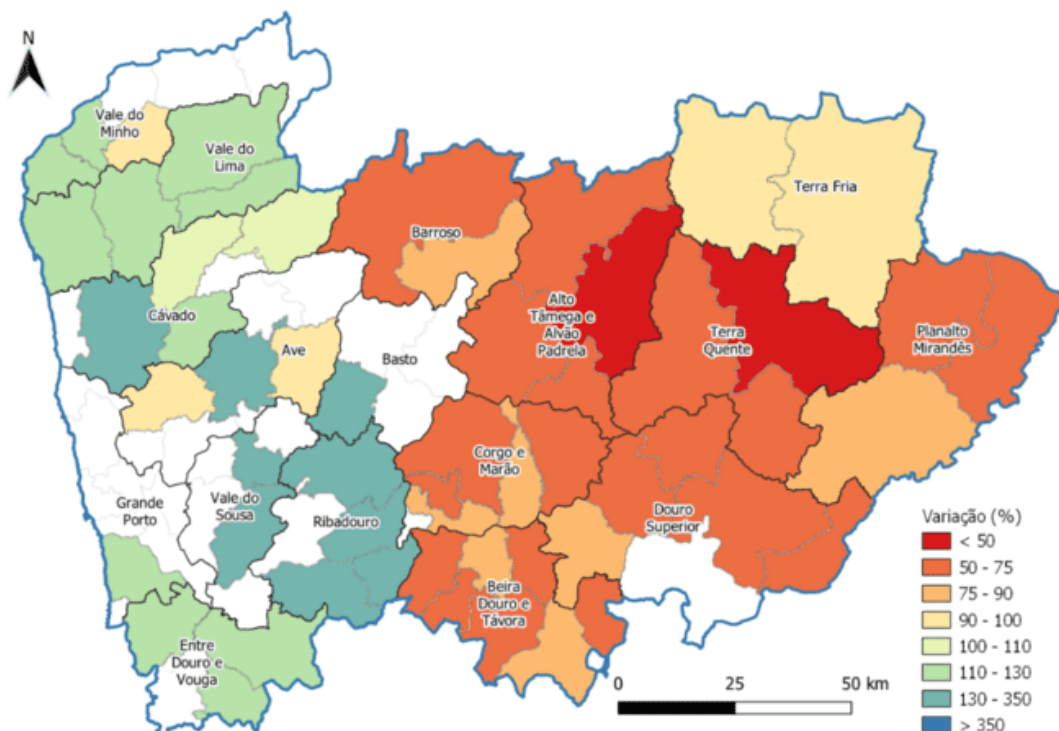


Figura 82. Variação (%) da produção de castanha, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23



Figuras 83 e 84. Ouriços que começam a abrir, Bruçó – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figuras 85 e 86. Castanheiros novos (em cima) e castanheiro mais velho (em baixo), Bruçó – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



8 Vinha

8.1 Entre Douro e Minho

Na zona do Alvarinho as vindimas terminaram nos primeiros dias de outubro, tendo decorrido, quase na totalidade, com tempo bom, o que contribuiu para a boa qualidade do mosto produzido. Refira-se que, em média, as graduações foram superiores ao ano anterior.

Os dados finais da vindima, nomeadamente os recolhidos junto da Adega Cooperativa de Monção e da Adega “Quintas de Melgaço, superaram as estimativas anteriores, que apontavam para acréscimos entre 10 e 18% na produção. Estimamos agora acréscimos entre os 12 e os 25%.

No que diz respeito à comercialização, a região não tem tido dificuldade no escoamento do vinho, quer para o mercado nacional, quer para o mercado externo. A adega de Monção refere que, devido aos dois anos anteriores terem sido fracos, não têm grandes quantidades de vinho em armazém. A grande preocupação dos maiores operadores era sim, não terem vinho suficiente para satisfazer as encomendas.

Na zona do Tâmega e Sousa as uvas colhidas foram, modo geral, de muito boa qualidade. Resultaram vinhos com muito bom potencial de qualidade, com grau alcoólico ligeiramente superior à média e acidez relativamente baixa, especialmente nos concelhos do quadrante sul desta zona de observação de Ribadouro e Sousa.

A vindima de 2024 disponibilizou vinhos com ótimo potencial de qualidade, tratando-se de uma das melhores, senão a melhor, colheita de vinho dos últimos anos nesta zona de observação.

Algumas vindimas foram feitas com precipitação (fraca), que ocorreu de 20 a 27 de setembro. As uvas estavam sãs, sem podridões e doenças e produziram vinhos de qualidade. As colheitas feitas em outubro, debaixo de chuva, resultaram em vinhos de menor qualidade.

A laboração e funcionamento das adegas decorreu normalmente e em muitas adegas o vinho ainda está a aguardar a trasfega.



Figura 87. Vinha em Cabeceiras de Basto, com Serra do Alvão em fundo
Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

Neste momento os viticultores encontram-se a efetuar as DCP's (Declarações de Colheita e Produção) habitualmente conhecidas como “manifestos”.

Os viticultores sentem cada vez mais dificuldade em conseguir mão-de-obra e estão preocupados, devido ao aumento dos preços dos fatores de produção necessários à laboração e engarrafamento do vinho.

Quanto às perspetivas de comercialização, a situação varia muito de operador para operador, havendo adegas que tenham escoado todo o vinho em armazém (adega de Vale de Cambra e adega de Guimarães) e adegas que têm cerca de 30% do vinho produzido o ano passado ainda em armazém (adega de Santo Tirso).

A exportação de vinhos brancos pode vir a ressentir-se da falta de encomendas do mercado externo.

A estimativa de produção para toda a sub-região do Entre Douro e Minho é inferior à do ano passado em cerca de 5%.

8.2 *Trás-os-Montes*

Ao longo de outubro fizeram-se as últimas vindimas, que decorreram dentro da normalidade, enchendo as adegas, onde as cubas e os lagares estiveram ativos durante todo o mês.

Apesar de alguns escaldões ocorridos no final da maturação e de alguma dificuldade sentida no escoamento das uvas, o balanço do ano vinícola é bastante positivo, com os produtores a referir que os vinhos resultantes são de excelente qualidade.

Tal como se previa, houve alguns produtores que não vindimaram as uvas por não terem a quem as vender.

Segundo declarações dos responsáveis da principal unidade de transformação da Terra Fria localizada em Rebordelo, a campanha decorreu sem percalços.

Os responsáveis declararam que, no geral, tanto a uva preta como a uva branca apresentavam razoável qualidade, mas com menor teor de açúcar comparativamente ao ano anterior, tendo produzido mostos com menor teor alcoólico (13.04% Vol. nas uvas tintas e 12.6% Vol. nas uvas brancas). Segundo os mesmos responsáveis, este ano receberam menos 0,8% de uvas em relação ao ano anterior, o que correspondeu a uma redução de 14 toneladas.

Apesar de parecer residual, este valor não traduz a realidade da região e apenas se pode ler como um indicador da tendência (menos produção), uma vez que não houve procura de uvas e os produtores viram-se obrigados a entregar toda a produção nas Adeegas. Também se constatou que a quantidade de uvas brancas entregues ao longo dos anos tem vindo a diminuir, visto que a tendência tem sido os produtores optarem pelas uvas tintas.

Segundo os responsáveis das unidades de produção, há falta de uvas brancas, contrariando a tendência de aumento de consumo de vinho branco e rosé – pois são vinhos com menor teor alcoólico, com elevado consumo na primavera/verão e muito procurados pelos consumidores mais jovens e pelos turistas. As unidades de transformação da Terra Fria afirmam que a quantidade de vinho branco é menor e que a sua venda está assegurada. Relativamente ao vinho tinto, neste momento a procura é mais baixa e existe muito vinho em stock.

Em outubro o outono chegou às vinhas e a breve interrupção nos trabalhos agrícolas permite que as plantas se preparem para o período de inverno, dando lugar a paisagens de extrema beleza, propícias ao setor do turismo (ver figuras 88 e 89).



Figuras 88 e 89. Outono na vinha – Sabrosa (em cima) e São João da Pesqueira (em baixo), 29.10.2024
Fotos por: Suzana Fonseca



9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*

No olival para azeite a chuva e vento forte continuaram a provocar a queda do fruto (iniciada em setembro). Há produtores que tinham alguma azeitona, mas que já não vão fazer a colheita.

A azeitona cai verde e picada pela mosca (*Bactrocera oleae*) ou atacada pela gafa.

Esta doença ataca em especial os frutos, que apresentam manchas arredondadas de cor acastanhada, deprimidas e com aspeto oleoso. A azeitona fica engelhada, mumificada e acaba por cair.

Alguns produtores realizaram os tratamentos preventivos para a mosca da azeitona e para a gafa.



Figura 90. Queda da pouca azeitona vingada, após o temporal do dia 09.10.2024, Nogueira – Vila Nova de Cerveira (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves

Um dos lagares da zona de observação do Lima, onde se labora a azeitona dos concelhos da zona de observação do Minho, que iniciou a receção e laboração de azeitona no dia 19 de outubro, uma semana mais tarde em comparação com o ano anterior, apenas abriu durante um fim-de-semana e a expectativa é de receber muito pouca azeitona da região.

Apesar de pouco rendimento, a qualidade do azeite tem sido boa.

Existe uma estimativa de grande diminuição da produção de azeite (-45%), em relação ao ano passado.

9.2 Trás-os-Montes

Neste momento é possível encontrar, um pouco por toda a região transmontana, azeitonas com bons calibres (associados por certo à elevada precipitação que se tem feito sentir) e a mudar de cor, antevendo um bom ano de produção.

Porém, muitos produtores referem prejuízos causados pelas picadas da mosca da azeitona e pela murchidão das azeitonas cujas oliveiras acusam a presença de gafa.

A partir do momento em que se der a eclosão das larvas da mosca, serão provocados estragos irremediáveis nas azeitonas, com a conseqüente perda de qualidade do azeite, por aumento da sua acidez e do nível de peróxidos.



Figura 91. Azeitonas perfuradas pela mosca da azeitona
Foto: Paulo Guedes



Figura 92. Oliveira com "boa carga" de azeitona
Foto: Paulo Guedes

Os ventos intensos do início do mês também foram responsáveis pela queda de alguma azeitona, embora não de forma acentuada.

Na Terra Fria continua-se a observar uma grande heterogeneidade – numa mesma localidade é possível encontrar oliveiras das variedades “Madural”, “Verdeal” e “Cobrançosa” com muita azeitona e outras, da variedade “Santulhana”, praticamente sem nenhuma.

Os olivais apresentam-se em bom estado vegetativo e os frutos estão a crescer e a iniciar em breve a sua maturação. No geral observa-se mais azeitona que em igual período do ano anterior, mas menos que o normal para essa região.

A produtividade está ainda muito dependente das condições atmosféricas das próximas semanas, sendo que o tempo ameno com períodos de precipitação e ventos fortes são desfavoráveis a esta cultura (potenciam o desenvolvimento de pragas e doenças).

Em alguns concelhos da Terra Fria, a azeitona de mesa está a ser paga ao produtor na casa dos 85 cêntimos/kg, sem distinção de categoria ou caibre.



Figura 93. Aspeto da azeitona, olival em regime sequeiro, Bragança
Foto: Anabela Coimbra

Em Trás-os-Montes a maioria dos olivais tem como objetivo a produção de azeitona para azeite. No entanto, a “ripa” manual de azeitona de tamanho médio e maturação precoce é um processo realizado um pouco em todos os concelhos, com vista à cura para azeitona de mesa ou para obtenção das famosas e muito apreciadas alcaparras transmontanas (azeitonas colhidas verdes, talhadas ou partidas com uma pedra para retirar o caroço, curadas e a que depois se junta um fio de azeite, uma pitada de sal e cebola ou alho picado).



Figuras 94 e 95. Produção de azeitona para azeite, 29.10.2024, Pinhão (esquerda) e Sernancelhe (direita)
Fotos por: Suzana Fonseca

A azeitona de mesa em maior escala está presente no concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta, onde as variedades plantadas são as mais adaptadas a essa finalidade (essencialmente “Galega”, “Cobrançosa”, “Cordovil” e “Negrinha”), tendo sido inclusivamente criada uma denominação de origem para valorização desse produto – Negrinha de Freixo DOP.

Durante o mês de outubro já teve início a apanha de azeitona para conserva e para os azeites “picantes”.



Figura 96. Laboração de “azeite novo” biológico, 30.10.2024, Jerusalém do Romeu - Mirandela
Foto: Cortesia de Joana Sobrinho (Quinta do Romeu)

Tal como referimos em Boletins anteriores, a produção de azeitona este ano foi um pouco irregular, associada à instabilidade atmosférica durante a floração. Contudo, e caso as condições produtivas se mantenham, estima-se que a produção global em 2024 seja idêntica à obtida em 2023 ou um pouco superior.



Figuras 97 e 98. Olival em regime de sequeiro e pormenor de azeitona para azeite, Bruçó - Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins

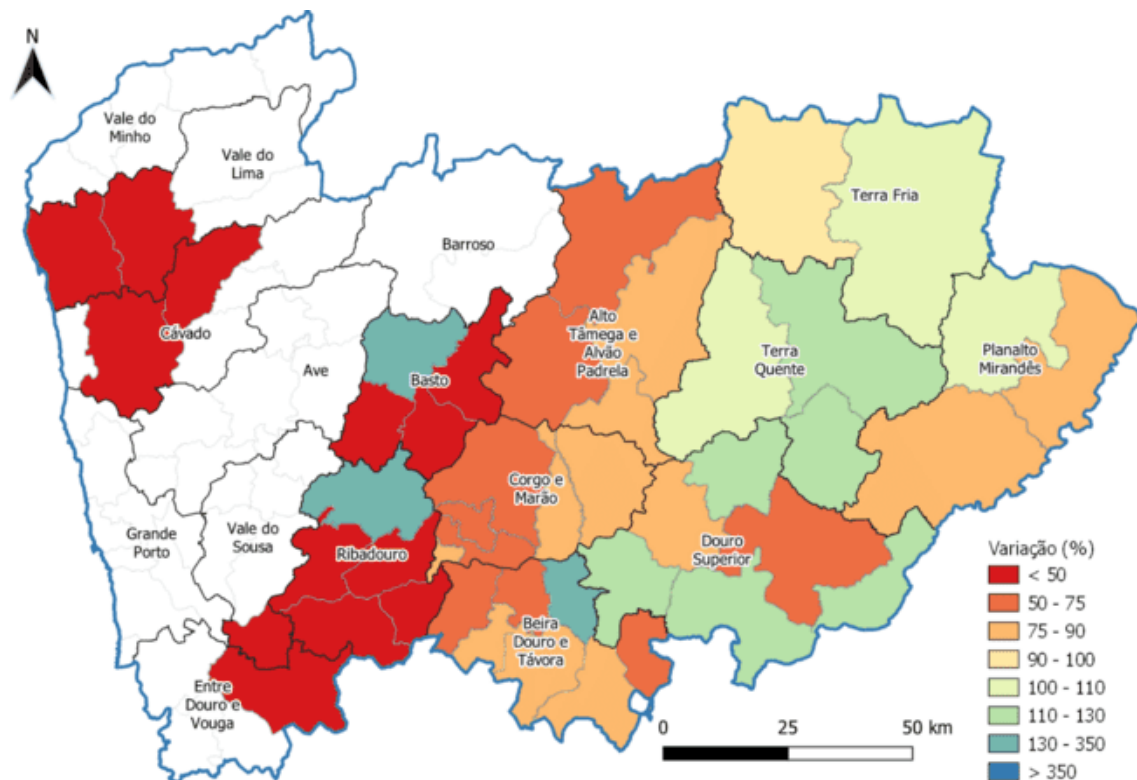


Figura 99. Variação (%) da produtividade de azeitona para azeite, comparativamente à média do quinquénio 2018/19 a 2022/23

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 Entre Douro e Minho

Os incêndios que deflagraram na região destruíram grande parte da área de pastagens, com reflexos importantes na produção destas culturas, que se prolongarão por algum tempo.



Figuras 100 e 101. Preparação de silagem, Carreço – Viana do Castelo (zona de observação do Lima)
Fotos por: Sandra Coelho



Figura 102. Ovinos em pastoreio em zona de vinha, prática habitual nesta região após as vindimas e durante o inverno, Moreira – Monção (zona de observação do Minho)
Foto por: Aurora Alves

As pastagens (regadio e sequeiro) estão verdes, com bons crescimentos, graças à precipitação e às temperaturas amenas. O mesmo acontece nos baldios com as espécies espontâneas.

Tal como nos milhos para grão, a colheita dos milhos para silagem ainda está a decorrer, com as dificuldades já referidas no início do relatório, devido aos estragos causados pela tempestade “Kirk”.

Quanto ao aspeto qualitativo, tanto das silagens feitas antes do início da chuva, como as feitas agora (nos solos encharcados que dificultaram o acesso e circulação das máquinas, com as plantas acamadas e molhadas há quase um mês), estas têm boa qualidade com boa relação entre matéria verde e grão.



Figura 103. Vista de campo de milho para silagem, 22.10.2024, Paço de Sousa - Penafiel (zona de observação do Sousa)
Foto por: Joaquim Moreira

De uma maneira geral, as explorações têm suficiente silagem conservada, até fazerem a nova.

A estimativa de produção de milho forrageiro é que seja inferior (-4%) à do ano passado, assim como a do sorgo forrageiro (-2%).

10.2 Trás-os-Montes

Os criadores de animais e/ou aqueles que se dedicam à comercialização de palha e grão foram os primeiros a iniciar as sementeiras, começando pela aveia, onde a germinação se apresenta com boa qualidade.

No que respeita às pastagens de sequeiro, estas apresentam um bom estado vegetativo, com a matéria verde em crescimento, fruto talvez destas condições climáticas quase primaveris, associadas à precipitação de setembro e outubro. Neste momento, os animais têm a possibilidade de pastorear diretamente, evitando recorrer bastante ou exclusivamente a silagens ou rações (ver figuras 105 e 106).



Figura 104. Pastagem permanente, Penas Roias – Mogadouro
Foto por: Miguel Martins



Figuras 105 e 106. Pastagens de sequeiro, Brunhosinho – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Os produtores pecuários dos concelhos de Bragança e Vinhais declaram, no geral, que ainda não estiveram reunidas condições para fazer as sementeiras das forrageiras de outono/inverno. As condições meteorológicas têm estado muito instáveis e o excesso de água no solo será um impeditivo para as operações culturais: preparação do solo e sementeira. Alguns produtores referiram que iniciaram as sementeiras das aveias para forragem, mas não as terminaram. Neste momento verifica-se que as sementeiras estão a atrasar e que as condições meteorológicas estão a causar constrangimentos. Em igual período do ano anterior, já se observava por toda a área de observação forrageiras germinadas.

No geral e por toda a zona de observação, as pastagens permanentes quer de regadio quer de sequeiro, estão em ótimo estado vegetativo. A precipitação que ocorreu no mês de setembro e de outubro proporcionou à vegetação herbácea ótimas condições para o seu desenvolvimento. As pastagens disponibilizam matéria verde para pastoreio direto ou para corte (figuras 108 e 110 a 113). Quando comparado com o ano anterior em igual período, verifica-se uma situação mais desfavorável nos lameiros de aluvião, que já apresentam algum encharcamento (figura 110). A cultura forrageira do nabo está em excelente estado vegetativo. As ferrãs germinaram mal e as plantas estão mais pequenas que em igual período do ano anterior.



Figura 107. Pastagem permanente de sequeiro, outubro 2023, Gimonde – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 108. Pastagem permanente de sequeiro, outubro 2024, Gimonde – Bragança
MESMA PARCELA



Figura 109. Pastagem permanente de regadio, outubro 2023, Cova de Lua – Bragança
MESMA PARCELA (Lameiro de aluvião)



Figura 110. Pastagem permanente de regadio, outubro 2024, Cova de Lua – Bragança



Figura 111. Ovinos em pastoreio, Vinhais



Figura 112. Bovinos em pastoreio, Vinhais



Figura 113. Pastagem temporária, com rolos de silagem, Vinhais



Figura 114. Nabo forrageiro em regime sequeiro, Gostei – Bragança

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção global do Milho de Sequeiro grão e do Milho de Regadio grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Milho-Regadio Grão		Milho-Sequeiro Grão	
	%	ton.	%	ton.
Entre Douro e Minho	89	77 556	94	4 407
Ave	91	11 819	77	460
Basto	94	5 081	101	105
Cávado	88	22 460	100	1 855
Entre Douro e Vouga	100	5 059	95	235
Grande Porto	100	6 031	95	375
Ribadouro	80	5 931	100	71
Vale do Lima	93	5 645	91	1 013
Vale do Minho	92	3 022	95	189
Vale do Sousa	80	12 508	100	103
Trás-os-Montes	104	6 479	106	2 056
A. Tâmega e Alvão P.	105	3 359	108	352
Barroso	105	1 758	106	604
Beira Douro e Távora	100	232	100	29
Corgo e Marão	100	355	99	38
Douro Superior	100	186	100	56
Planalto Mirandês	100	127	100	424
Terra Fria	104	199	108	463
Terra Quente	100	263	135	90
Região Norte	90	84 035	98	6 463

Tabela 2. Evolução da produção global do Feijão e Grão de bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão de Bico	
	%	ton.	%	ton.
Entre Douro e Minho	99	240		
Ave	100	41		
Basto	79	11		
Cávado	100	58		
Entre Douro e Vouga	110	26		
Grande Porto	110	19		
Ribadouro	95	19		
Vale do Lima	95	31		
Vale do Minho	105	8		
Vale do Sousa	95	27		
Trás-os-Montes	101	1 025	100	53
A. Tâmega e Alvão P.	100	112	105	2
Barroso	105	1	105	5
Beira Douro e Távora	100	10	100	4
Corgo e Marão	100	22	100	2
Douro Superior	100	75	100	8
Planalto Mirandês	100	200	100	14
Terra Fria	124	29	97	7
Terra Quente	101	575	101	11
Região Norte	101	1 265	100	54

Tabela 3. Evolução da produção global da Maçã, Pera e Pêssego, relativamente ao ano anterior

Localização	Maçã		Pêra		Pêssego	
	%	ton.	%	ton.	%	ton.
Entre Douro e Minho	94	2 527	86	562	80	171
Ave	100	251	89	58	88	16
Basto	101	116	93	67	47	4
Cávado	90	893	90	109	85	49
Entre Douro e Vouga	100	142	80	56	95	18
Grande Porto	100	313	80	70	95	23
Ribadouro	100	313	85	99	35	7
Vale do Lima	82	277	87	57	85	46
Vale do Minho	90	64	90	18	80	7
Vale do Sousa	100	156	84	28	35	2
Trás-os-Montes	103	155 451	77	3 558	122	3 788
A. Tâmega e Alvão P.	108	2 239	110	279	110	239
Barroso	105	56	107	19	105	3
Beira Douro e Távora	99	124 699	62	2 098	100	129
Corgo e Marão	96	3 294	73	122	100	51
Douro Superior	140	21 495	155	625	119	2 017
Planalto Mirandês	100	1 271	100	77	100	18
Terra Fria	95	1 483	95	147	92	20
Terra Quente	111	915	124	191	134	1 311
Região Norte	103	157 978	78	4 121	119	3 959

Tabela 4. Evolução da produção global de kiwi e Uva de Mesa, relativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi		Uva de Mesa	
	%	ton.	%	ton.
Entre Douro e Minho	82	32 391	90	59
Ave	79	4 392		
Basto	93	1 478	90	2
Cávado	75	4 977		
Entre Douro e Vouga	70	1 490		
Grande Porto	74	4 603		
Ribadouro	90	2 543	90	56
Vale do Lima	85	965		
Vale do Minho	77	1 105		
Vale do Sousa	90	10 838	90	1
Trás-os-Montes	100	30	104	232
A. Tâmega e Alvão P.	101	4	119	38
Beira Douro e Távora	100	17	100	46
Corgo e Marão	100	1	102	33
Douro Superior			103	39
Planalto Mirandês			100	43
Terra Fria			100	12
Terra Quente	101	9	100	22
Região Norte	82	32 421	101	290

Tabela 5. Evolução da produção global da Amêndoa, Avelã, Castanha e Noz, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa		Avelã		Castanha		Noz	
	%	ton.	%	ton.	%	ton.	%	ton.
Entre Douro e Minho	90	8	92	4	91	1 001	92	178
Ave			86	2	82	27	97	38
Basto			100		95	13	100	6
Cávado					98	108	94	37
Entre Douro e Vouga					60	69	50	5
Grande Porto					60	29	50	3
Ribadouro	90	8	100	1	95	437	100	55
Vale do Lima					100	225	83	13
Vale do Minho					95	51	100	1
Vale do Sousa					95	42	100	20
Trás-os-Montes	105	17 171	127	116	110	19 031	112	938
A. Tâmega e Alvão P.	110	1 842	100	20	99	2 264	106	158
Barroso	110	1			100	223	100	3
Beira Douro e Távora	99	104	97	22	102	2 443	100	45
Corgo e Marão	104	277	100	2	93	282	102	22
Douro Superior	98	7 840	102	6	102	432	106	73
Planalto Mirandês	100	2 678	100	13	100	1 548	100	68
Terra Fria	102	368	187	41	118	10 880	114	404
Terra Quente	123	4 060	216	11	100	958	130	167
Região Norte	105	17 179	125	120	108	20 031	108	1 117

Tabela 6. Evolução da produtividade da Azeitona de conserva e para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho			54	637
Ave			100	621
Basto			85	815
Cávado			53	611
Entre Douro e Vouga			10	129
Grande Porto			10	75
Ribadouro			50	587
Vale do Lima			56	835
Vale do Minho			27	653
Vale do Sousa			50	399
Trás-os-Montes	104	1 383	126	1 084
A. Tâmega e Alvão P.	103	663	115	1 135
Barroso	100	250	100	438
Beira Douro e Távora	100	1 341	108	1 155
Corgo e Marão	100	1 199	106	1 363
Douro Superior	104	1 588	121	1 069
Planalto Mirandês	100	850	100	801
Terra Fria	110	239	128	957
Terra Quente	137	1 065	146	1 148
Região Norte	104	1 382	125	1 079

Tabela 7. Evolução da produção global da Uva para vinho (Mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho	
	%	hl
Entre Douro e Minho	95	878 568
Ave	86	78 299
Basto	93	81 368
Cávado	102	72 243
Entre Douro e Vouga	48	3 179
Grande Porto	81	22 229
Ribadouro	90	125 336
Vale do Lima	100	100 888
Vale do Minho	123	117 139
Vale do Sousa	90	277 888
Trás-os-Montes	108	1 647 682
A. Tâmega e Alvão P.	102	54 288
Barroso	105	1 974
Beira Douro e Távora	106	352 966
Corgo e Marão	111	691 621
Douro Superior	107	466 021
Planalto Mirandês	100	55 252
Terra Fria	95	12 813
Terra Quente	100	12 748
Região Norte	103	2 526 250